



Conhecimentos mal estabelecidos: obstáculos epistemológicos à pesquisa social



*Newton Correa de Sousa**
*Aldenor da Silva Ferreira***

Resumo

Este trabalho tenta estabelecer um diálogo entre os autores que trabalham com a perspectiva da ruptura epistemológica para o avanço do conhecimento. Faz uma reflexão epistemológica sobre as dificuldades na formulação de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Discute as categorias auto-evidentes como obstáculos a serem superados nesse empreendimento tendo a Amazônia como principal exemplo.

Palavras-chave: Conhecimento. Obstáculos epistemológicos. Pesquisa social. Amazônia.

Abstract

This work tries to establish a dialogue among authors who work from the epistemological rupture for the advancement of knowledge. An epistemological reflection on the difficulties in the formulation of research in Human and Social Sciences is made. The self-evident categories as hurdles to be overcome in this undertaking is discussed having the Amazon region as the main example.

Keywords: Knowledge. Epistemological hurdle. Social research. Amazon.

* Graduado em Filosofia e Mestrando do programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e-mail neutoncorrea@hotmail.com Fone 99836708.

** Graduado em Ciências Sociais e Mestrando do programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pesquisador bolsista do Núcleo de socioeconomia da Faculdade de Ciências Agrárias da





Introdução

Um dos grandes desafios das Ciências Humanas e Sociais é a superação das categorias auto-evidentes, das formas de classificação, da opinião e de pré-noções. Essas classificações imediatas configuraram-se, também, como obstáculos epistemológicos. Isso implica dizer que a realidade à vista, concreta, aparentemente segura, mantém, em si, estruturas arraigadas que podem conservar um sombreamento que impede uma visão mais clara do homem e da sociedade em qualquer lugar no tempo e no espaço.

O esforço, no sentido de superação dessas formas de abordagem, deve ser uma constante nessas ciências. Sem esse exercício, aqui, ou em qualquer lugar, o pesquisador corre o risco de entrar em uma perigosa trama, no sentido de perceber o objeto e os fenômenos sem, contudo descortiná-los. Superar essas dificuldades não constitui tarefa fácil, sobretudo, porque as classificações solidificadas não nascem ao acaso, mas são criações sociais.

Desde os poetas arcaicos, filósofos clássicos até os pensadores mais contemporâneos de diferentes períodos históricos, esforçam-se na tentativa de compreensão da realidade. Os poetas, por exemplo, tentaram descortinar as verdades do imaginário e valores de sua época; os filósofos pré-socráticos se esforçaram para mostrar que as coisas que se viam não eram exatamente aquilo que se mostrava. Por trás delas, acreditavam, havia uma essência, o princípio de todas as coisas.

Do exercício de tentar revelar a verdade, Sócrates (470 a.C.) é julgado e condenado à morte ao pôr em dúvida pessoas, instituições e tradição da Grécia Antiga. Na *Apologia de Sócrates*, Platão cita entre os detentores das “pseudo-verdades” de seu tempo os sábios de sua época: “políticos”, “poetas” e “artífices”. Pessanha (2004) comenta, assim, a atividade socrática, da missão que recebera do oráculo de Delfos¹:

No cumprimento da missão de que se sente encarregado, Sócrates dialoga. Geralmente, o interlocutor, tido como autoridade em algum ramo de conhecimento ou de atividade, decepciona-o. Apenas nos artífices encontra alguma consciência daquilo que fazem. Mas esses revelam um conhecimento restrito a suas especializações e embaraçam-se quando le-



vados a opinar sobre outros assuntos. Isso parece confirmar a Sócrates o sentido da superioridade que lhe fora atribuída pelo oráculo: o reencontro consigo mesmo só pode partir da consciência da própria ignorância. Mas essa ignorância, que é um atributo de Sócrates, não é geralmente assumida pelas outras pessoas, que se julgam na posse de ‘verdades’. Torna-se necessário, portanto, levá-las, de saída a despojar-se dessas ‘pseudo-verdades’ – única forma de torná-las aptas a caminharem em direção ao conhecimento em si mesma.

Contra as pseudo-verdades insurge-se também Platão, ao aceitar “um método de pesquisa de índole matemática” na discussão com a escola sofística². Platão fala da “busca de uma condição incondicionada para o conhecimento, o encontro com o absoluto fundamento da verdade (que só se distingue do erro e da fantasia) [...]”. Platão, no livro VII da *República*, ilustra com a Alegoria da Caverna o mundo de sombras no qual as pessoas estão imersas, de imagens turvas, embora as aceitem imediatamente como verdadeiras.

Na história da filosofia, a realidade, independente do espaço e do tempo, necessita de uma constante investigação. Acomodar-se diante do que está posto ou diante daquilo que se impõe pode representar a manutenção de erros ou de limites epistemológicos que se solidificam com o tempo e com o ajustamento das coisas. Entre essas verdades estabelecidas, podem estar conceitos e classificações acerca de valores e grupos sociais estigmatizados pelo poder político e econômico.

1 O jogo de aparências e “pseudo-concreticidade”

Karel Kosik (1976), ao fazer uma abordagem “dialética”, apoiado no espírito de Marx, propõe um esforço para a superação dos fenômenos que se apresentam imediatamente à realidade. Essa discussão é feita no texto *O mundo da pseudo-concreticidade e a sua destruição*. A superação desse problema, no entanto, de acordo com ele, carrega consigo a dificuldade de que “A dialética trata da coisa em si. Mas a coisa em si não se manifesta imediatamente ao homem” (KOSIK, 1976). Ele explica que os objetos do mundo fenomênico não manifestam claramente sua essência ao sujeito do conhecimento – ou que se manifestam diferente da realidade – porque o homem também está inserido nessa pseudo-concreticidade:



Os homens usam dinheiro e com ele fazem transações mais complicadas, sem ao menos saber, nem ser obrigados a saber, o que é dinheiro. Por isso, a *práxis* utilitária imediata e o senso comum a ela correspondente colocam o homem em condições de orientar-se no mundo, de familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporcionam a *compreensão* das coisas e da realidade. Por esse motivo Marx pode escrever que aqueles que efetivamente determinam as condições sociais se sentem à vontade, qual peixe n'água, no mundo das formas fenomênicas desligadas de sua conexão interna e absolutamente incompreensíveis em tal isolamento (KOSIK, 1976, p. 14).

Posto dessa forma, percebe-se, na relação objeto e fenômeno, um aparente jogo de esconde-esconde, em que nem a coisa nem sua representação manifestam-se claramente. No primeiro caso, o objeto não pode ser mostrado e, no outro, a representação não é aquilo que é ou se mostra:

Captar o fenômeno de determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde. No mundo da pseudo-concreticidade, o aspecto fenomênico da coisa, em que a coisa se manifesta e se esconde, é considerado como a essência mesma, e a diferença entre o fenômeno e a essência desaparece. Por conseguinte, a diferença que separa fenômeno e essência equivale à diferença entre irreal e real, ou entre duas ordens diversas de realidade? A essência é mais real do que o fenômeno? A realidade é a unidade do fenômeno e da essência. Por isso, a essência pode ser tão irreal quanto o fenômeno, e o fenômeno tanto quanto a essência, no caso em que se apresentam isolados, em tal isolamento, sejam considerados como a única ou “autêntica” realidade (KOSIK, 1976, p. 16).

Assim como no episódio da *Carta Roubadá*³, o acontecimento não é tão simples de ser desvelado. As evidências tendem a uma simplificação da coisa. Esta, por sua vez, se revela muito mais desafiadora e complexa. Edgar Allan Poe descreve, nesse episódio, as artimanhas de um “astuto” delegado de polícia que é induzido a erro por conta de seus métodos de investigação que estavam firmados pelo aspecto da *evidence*. Poderíamos recorrer a Kosik, para a solução dessa trama:



O pensamento que destrói a pseudo-concreticidade para atingir a concreticidade é, ao mesmo tempo, um processo no curso do qual, sob o mundo da aparência, se desvenda o mundo real; por trás da aparência externa do fenômeno se desvenda a lei do fenômeno; por trás do movimento visível, o movimento real interno; por trás do fenômeno, a essência (MARX apud KOSIK, 1976, p. 20).

Kosik, portanto, está falando de uma pseudorealidade construída intencionalmente. Contra isso, ele propõe uma maneira concreta de olhar o mundo, uma maneira diferente de ver o mundo e de abordá-lo. Não exclui a possibilidade de conhecê-lo, apesar da dificuldade de se alcançar a coisa em si. Essa tarefa está reservada à ciência e à filosofia, diz ele:

Como a essência – ao contrário dos fenômenos – não se manifesta diretamente, e desde que o fundamento oculto das coisas deve ser descoberto mediante uma atividade peculiar, tem de existir a ciência e a filosofia. Se a aparência fenomênica e a essência das coisas coincidissem diretamente, a ciência e a filosofia seriam inúteis (KOSIK, 1976, p. 17).

Como se observa, Karel Kosik vai dizer que, dada à realidade, a existência e as formas fenomênicas do mundo real são diferentes e contraditórias, numa relação de tensão. Eis, portanto, no trato de um objeto de pesquisa, um obstáculo a ser superado, já que, no caso das Ciências Humanas e Sociais, esse objeto refere-se a um fenômeno ou a um fato social, para se recorrer à formulação durkheimiana. Assim sendo, o complexo de fenômenos que povoa o ambiente cotidiano constitui um mundo de falsa concreticidade, que precisa ser desvelado na pesquisa científica.

2 A noção de obstáculo epistemológico e a construção do objeto de pesquisa.

Gaston Bachelard (1938) propõe uma psicanálise do conhecimento, em que o seu progresso é analisado através de suas condições internas, psicológicas. Na sua análise histórica da ciência, ele se vale do que chama de “via psicológica normal do pensamento científico”, ou seja, uma análise que perfaz o caminho “da imagem para a forma geométrica e, depois, da forma geométrica para a forma abstrata” (BACHELARD, 1996, p. 10-11). A própria idéia de espírito científico nos reporta ao universo psicanalítico.



Quanto aos “obstáculos epistemológicos”, Bachelard afirma que é através deles que se analisam as condições psicológicas do progresso científico. Assim, indica, no próprio problema, a superação dos obstáculos:

[...] É aí que mostraremos causas de estagnação e até de regressão, detectaremos causas da inércia às quais daremos o nome de obstáculos epistemológicos [...] o ato de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização. (BACHELARD, 1996, p. 17).

A noção de obstáculo epistemológico é de fundamental importância para o desenvolvimento do conhecimento no âmbito das pesquisas. Logo, em superá-lo reside o êxito de uma pesquisa científica. Entretanto, condição essencial para transpô-los é a consciência por parte do sujeito do conhecimento de que as barreiras existem e que, se não neutralizadas, podem comprometer o processo da pesquisa, desde seus fundamentos até os resultados finais. Em *A formação do Espírito Científico* (1996), Bachelard enumera alguns obstáculos que atuam como impeditivos para a pesquisa científica, tais como o obstáculo da realidade, do senso comum e da opinião.

O primeiro obstáculo, a realidade, diz respeito à crítica de Bachelard com relação ao empirismo. O pesquisador, ao olhar seu objeto de estudo, uma realidade posta, especialmente quando ela faz parte do universo social, como é o caso do modo de vida camponês, da lógica e da simbólica de sua lavoura, pode incorrer no perigo de se deixar levar pelo que lhe é visível, dando-lhe um estatuto de verdade que não tem. Portanto, o risco de se fazer juízos imediatos seria um convite ao erro.

Para Bachelard (1996), o real nunca é ‘o que se poderia achar’, mas sempre o que se deveria ter pensado. O pensamento empírico torna-se claro depois, quando o conjunto de argumentos fica estabelecido. Para ele,

Diante do mistério do real, a alma não pode, por decreto, tornar-se ingênua. É impossível anular, de um só golpe, todos os conhecimentos habituais. Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber (BACHELARD, 1996, p. 18).



Outro aspecto importante frisado por Bachelard como obstáculo para a compreensão da realidade é a experiência primeira. Para ele,

O primeiro obstáculo é a experiência primeira, a experiência colocada antes e acima da crítica. O espírito científico deve formar-se contra a Natureza, contra o que é, em nós, o impulso e a informação da Natureza, contra o arrebatamento natural, contra o fato colorido e corriqueiro. O espírito científico deve formar-se enquanto se reforma (BACHELARD, 1996, 25).

Ainda nesta mesma linha de raciocínio, Bachelard arremata da seguinte forma: “para o espírito científico todo conhecimento é a resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído” (BACHELARD, 1996, p.18).

Com relação ao obstáculo epistemológico denominado de senso comum, semelhante ao primeiro, à realidade empírica, está relacionado especificamente às dificuldades com que se depara o cientista social, ou o pesquisador, de um modo geral, em seu exercício contínuo na busca de separar a sua opinião, o seu esquema de pensamento, seus preconceitos, as suas ideologias relacionadas à sua posição política, social e econômica, do conhecimento teórico, científico, que deve estar comprometido na busca da verdade. Esse conhecimento poderia ser encontrado a partir de referenciais teóricos sólidos e em regras da própria ciência.

Mas, nesse ponto, encontra-se outra discussão, que vem com uma advertência de Bachelard ao dizer que é preciso, também, tomar cuidado com o senso comum erudito, ou seja, aquele conhecimento que é refém da academia e que transita somente nela e para ela, pois este também pode configurar-se como um obstáculo epistemológico ao desenvolvimento do “espírito científico”.

Para Bachelard (1996, p. 34), “a cidadela erudita contemporânea é tão homogênea e protegida que os textos de pessoas alienadas ou esquisitas dificilmente conseguem um editor”. Muitas pesquisas que possuem o *status* de científicas, na verdade, legitimam preconceitos, dando a eles credibilidade. Segundo Bachelard, “é tão agradável para a preguiça intelectual limitar-se ao empirismo chamar um fato de fato e proibir a busca de leis” (p. 34). Neste sentido, a utilização consciente de um método de pesquisa, como a “construção do objeto científico”, leva o cientista a se



aproximar ao máximo da verdade do seu objeto, sem com isso entender o esgotamento do seu estudo, dada à característica dialética da sociedade e do conhecimento.

3 A ruptura que promove o avanço científico

A proposta central da epistemologia de Bachelard é a idéia de ruptura. Para ele, a Filosofia da Ciência só pode ser histórica. Ele argumenta que a história da ciência é feita de descontinuidades, rupturas e retificações. Sua proposta é uma luta aberta contra o esquema de pensamento contínuo. Sua posição epistemológica, como se viu anteriormente, é compartilhada em certos aspectos por Michel Foucault (1968) e Pierre Bourdieu (1987), que também, em certo sentido, são contrários à idéia cumulativa de conhecimento (capital estoque) e sucessão linear. Foucault propõe outras questões à história, operando com a idéia de objetivação, isto é, da constituição de domínios de objetos e de subjetivação, portanto, do modo através do qual os indivíduos se produzem e são produzidos numa determinada cultura por meio de determinadas práticas e discursos, enquanto subjetividade.

Para dar conta da constituição do sujeito como objeto e como sujeito na cultura ocidental, Foucault estuda o poder e as disciplinas; a produção da verdade e os saberes; as práticas discursivas e a normatividade social:

[...] Isto é, o que deve ser levado a cabo: a constituição histórica de um sujeito de conhecimento através de um discurso tomado como um conjunto de estratégias que formam parte das práticas sociais Foucault, (1986, p. 16 apud DALLABRIDA, 2002, p. 34).

Na concepção histórica de continuidade/cronológica o futuro é sempre melhor que o passado, e o passado é uma espécie de preparação para o futuro. Foucault se contrapõe a esta visão e utiliza a expressão *arqueologia*, ou seja, a idéia de acumulação de conhecimento. Portanto, essa história pode ser repartida em camadas. Como o arqueólogo para discutir o passado, ele faz escavações e encontra em cada camada os traços daqueles acontecimentos e a sua perspicácia que lhe assiste em saber reconhecer aquilo que é comum em uma camada e o que a distingue da outra. Não há,



portanto, continuidade histórica, pois as relações de força no interior da sociedade alteram as condições reais. Para haver continuidade nas ciências, seria necessário postular a uniformidade na natureza humana que pronunciasse discursos homogêneos. Como os discursos são tão diversos e divergentes na mesma história, os interesses estão sempre em conflito. A unanimidade, dessa forma, seria superficial e arbitrária.

Nesse sentido, Foucault condena a idéia de um continuísmo na história da ciência. Na continuidade, o fio condutor já existe previamente – a racionalidade, a evolução. Contra essa tradição, defende que o pesquisador escolha o fio condutor que utilizará naqueles traços que encontra comum nos acontecimentos, porque, segundo ele, ninguém vai negar os fatos, mas esse fato permitirá fazer várias tramas. Por isso é que se trata de uma arqueologia e não de várias, ou seja, existem outras possibilidades que não as que estão estabelecidas.

Outra contribuição importante é de Pierre Bourdieu. Em seus livros *Ofício de Sociólogo* (2004) e *O Poder Simbólico* (1989), apresenta sua contribuição epistemológica. A proposta desse sociólogo é que, para tornar-se objeto científico, a realidade a ser estudada deve passar pelo crivo de uma teoria rigorosamente construída. Para Bourdieu, (1987 p. 34-49).

Construir um objeto de pesquisa é antes de mais e, sobretudo, romper com o senso comum. O pré-construído está em toda parte. Construir o objeto supõe também que se tenha perante os fatos uma postura activa e sistemática. Aquilo a que se chama a 'ruptura epistemológica', quer dizer, o pôr-em-suspensa as pré-construções vulgares e os princípios geralmente aplicados na realização dessas construções, implica uma ruptura com modos de pensamento, conceitos, métodos que têm a seu favor todas as aparências do senso comum, do bom senso vulgar e do bom senso científico (tudo o que a atitude positivista dominante honra e reconhece).

Bourdieu, à semelhança de Bachelard e Foucault, também propõe uma ruptura epistemológica. É preciso romper com as pré-noções, com a falsa neutralidade das técnicas, das hipóteses ou pressupostos, das analogias e com a ilusão da transparência. A pesquisa não é um show, antes deve-se romper com o realismo, construindo o objeto de forma relacional. Para Bourdieu, o real é relacional. Ele retoma os preceitos de Durkheim de que os fatos sociais devem ser construídos



para que se tornem objeto de estudo e de que, antes de efetuar a análise dos arquivos, o experimento, ou a observação direta, é necessário preparar um quadro de referências, de modo a formular as questões adequadas e tornar as respostas inteligíveis. Para Bourdieu (1989, p. 49),

A ruptura é, com efeito, uma conversão do olhar e pode-se dizer do ensino da pesquisa em sociologia que ele deve em primeiro lugar ‘dar novos olhos’ como dizem por vezes os filósofos iniciáticos. Trata-se de produzir, senão ‘um homem novo’, pelo menos ‘um novo olhar’, um olhar sociológico. E isso não é possível sem uma verdadeira conversão, uma metanóia, uma revolução mental, uma mudança de toda a visão social de mundo.

Assim, o sentido que Bourdieu atribui ao termo ruptura epistemológica, é a conversão do olhar, a metanóia, que afasta conhecimentos mal estabelecidos no decorrer do tempo, para estabelecer um novo saber. Este não se baseia na experiência primeira, mas dá “novos olhos” àquilo que já foi visto inúmeras vezes.

Considerações finais

Segundo Bourdieu (1989, p. 18)

a pesquisa é uma atividade racional e não uma espécie de busca mística, de que se fala com ênfase para se sentir confiante – mas que tem também o efeito de aumentar o temor ou a angústia”. Neste sentido, a palavra “dificuldade”, que é uma constante nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, deve ser encarada como um aspecto universal neste tipo de pesquisa. Para Bourdieu, “nada é mais universal e universalizável do que as dificuldades”.



Partindo dessas considerações, pode-se concluir preliminarmente que as pesquisas sociais, em regiões que alimentam o olhar exótico, as classificações imediatas e autoevidentes, como a Amazônia, necessitam de um procedimento metodológico que seja alvo de profunda reflexão. Pesquisas sociais devem ser conduzidas de maneira diligente e criteriosa, para que não se transformem em seqüências de erros epistemológicos ou eivadas de pré-noções, que muitas vezes ratificam preconceitos ou contribuem para justificar determinadas ações políticas e econômicas, que servem mais para estigmatizar grupos sociais do que para estabelecer uma compreensão objetiva da realidade social.

A análise histórica do processo de desenvolvimento econômico da Amazônia, em geral, e do Estado do Amazonas, especificamente, por meio de uma categoria explicativa e genérica chamada “ciclo”, são exemplos singulares de conhecimentos mal estabelecidos, que precisam ser desconstruídos para que se possa avançar na compreensão de todo um processo histórico de desenvolvimento social e econômico da região num período histórico. O desenvolvimento econômico amazonense, por exemplo, geralmente é estudado a partir dos diversos ciclos. É o ciclo das drogas do sertão, ciclo do cacau, ciclo da castanha, ciclo da borracha, da Zona Franca de Manaus e outros. Para Renan Freitas Pinto, (1982, p. 3):

Dividir e subdividir a história da Amazônia em ciclos de produtos impede de esclarecermos o principal, ou seja, quais foram as formas de utilização da força de trabalho; de que maneira era incorporada a mão-de-obra aos processos de trabalho utilizados nesses diferentes momentos de incorporação da Região ao processo de acumulação do capital; e como as formas de produção anteriores resistiram aos processos de subordinação ao capital comercial.

Ainda nessa mesma linha de raciocínio Teixeira (1980 p. 2) *apud* Pinto (1982, p. 3), argumenta: “[...] a meu ver a idéia da divisão da história em ciclos – embora possa ser útil para efeito de uma ordem cronológica de eventos – pouco ajuda a compreender a natureza das relações sociais que ocorrem dentro deles”.



Não se trata de ignorar fatos históricos e seus desdobramentos. Entretanto, para uma abordagem crítica, é necessária a utilização de categorias de análise que ajudem a compreender o que se passa no âmbito das relações sociais de produção e, também, das questões culturais. O ciclo econômico da borracha, por exemplo, sinônimo de “desenvolvimento”, de prosperidade econômica, de elevação social e cultural da Amazônia, quando abordado noutra perspectiva, revela sua face contraditória. De acordo com Marcio Sousa (2002):

O ciclo criou uma cultura extrativista na região, que é um sistema bastante atrasado de economia. Criou um sistema de reexportação e exportação, bem como uma elite mais vinculada com a Europa do que com o Brasil, e criou também, uma economia que drenava mais recursos da região do que deixava investimentos nela.

Revisitar estas “interpretações cíclicas” da Amazônia, estabelecendo um novo recorte, é combater o pré-saber. O objeto de pesquisa deve ser construído relacionalmente. Para Bourdieu (1989, p. 20, grifo nosso):

Tem-se demasiada tendência para crer, em ciências sociais, que a importância social ou política do objeto é por si mesmo suficiente pra dar fundamento à importância do discurso que lhe é consagrado [...] *O que conta, na realidade, é a construção do objeto*, e a eficácia de um método de pensar nunca se manifesta tão bem como na capacidade de construir objetos socialmente insignificantes em objetos científicos ou, o que é o mesmo, na sua capacidade de reconstruir cientificamente os grandes objetos socialmente importantes, apreendendo-os de um ângulo imprevisto.

Os conhecimentos mal estabelecidos sobre a Amazônia foram sendo constituídos em camadas, numa espécie de edifício de conhecimento. Dos relatos de Vincent Pinzón, passando pelos naturalistas, viajantes, peregrinos, comerciantes, literatos, todos de alguma forma empreenderam análise e discurso sobre esta região. Entretanto, de acordo como Paul Ricoeur (1989), explicar não é compreender. A compreensão remonta à correlação de conceitos num processo amplo e deve vir



primeiro. Compreender a Amazônia requer um exercício de imaginação sociológica, cuja ruptura com os conhecimentos mal estabelecidos postos seja propulsora de uma nova interpretação. Os obstáculos epistemológicos devem ser superados para que se possa empreender uma análise no mínimo desprovida de paixão. Uma compreensão. O romantismo interpretativo, o olhar exótico, o hiperbolismo em nada contribuem para a obtenção de uma visão clara da realidade social nestes tempos de elevado status midiático da região.

Notas

1. Na Apologia, Platão destaca que Sócrates inicia suas investigações filosóficas após Delfos vaticinar que Sócrates era o mais sábio de todos os homens. Ele próprio declara isso, em seu julgamento.
2. A Escola Sofística atuava em oposição aos filósofos gregos. Aceitava a construção da verdade a partir de convencimentos, uma verdade relativa.
3. Cf. Edgar Allan Poe.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- DALLABRIDA, Elias. Foucault e a história: discurso, poder e influência de Nietzsche. *Revista Guairacá*, Guarapuava, n.18, 2002. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/editora/revista/guairaca>>. Acesso em: 15 set. 2007.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Paris: Gallimard, 1987.
- _____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins fontes, 1999.
- GASTON, Bachelard. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975.





KOSIK, Karel. *O mundo da pseudoconcreticidade e a sua destruição*: reprodução espiritual e racional da realidade. In: KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Tradução de Célia Neves e Alderico Turíbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

PINTO, Ernesto Renan de Freitas. *Os Trabalhadores da Juta*: estudo sobre a constituição da produção mercantil simples no médio Solimões. Dissertação (Mestrado) Sociologia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1982.

PESSANHA, José Américo Mota (org.). *Pré-Socráticos*. São Paulo: Coleção Nova Cultural, 2005.

DESCARTES. *O discurso do método*. São Paulo: Coleção Nova Cultural, 2005.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates/A República*. Tradução Enrico Corvisieri. São Paulo: Coleção Nova Cultural, 2004.

SÓCRATES. *Diálogos, vida e obra*. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Coleção Nova Cultural, 2004.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. 4. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

_____. *Do texto à ação*. Rés Editora: Porto: 1989.

SOUSA, Márcio. *A formação do povo brasileiro*. [Filme-vídeo]. Produção de Oceano Vieira de Melo, direção de Fernando Senatóri e Isa Grispim Ferraz. São Paulo, TV Cultura, 2002. 1 cassete VHS / NTSC, 2h: 00 min.